

INTRODUÇÃO

Lidar com o contemporâneo é sempre um enorme risco, tanto pela falta de distanciamento temporal em relação ao objeto estudado quanto pela sua incompletude: “afirma-se com frequência que só se pode obter e aproveitar o conhecimento sobre coisas de alguma maneira acabadas e encerradas” (CONNOR, 1996, p. 11). Em tempos de poucas certezas como o nosso, lidar com o contemporâneo torna-se ainda mais perigoso, pois somos obrigados a trabalhar numa espécie de “fronteira do presente” (BHABHA, 1998, p. 30) ou num “tempo depois do tempo” (COMPAGNON, 2003, p. 103). Mais ainda quando se trata de uma tecnologia de ponta, no caso o iPad, pois as mudanças são ainda mais repentinas e substanciais.

Estas dificuldades, entretanto, não podem nos impedir de olhar para as profundas transformações tecnológicas deste começo de século e de questionar de que forma elas têm influenciado a literatura. Como bem lembra Calvino,

a literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização. Só se poetas e escritores se lançarem a empresas que ninguém mais ousaria imaginar é que a literatura continuará a ter uma função. No momento em que a ciência desconfia das explicações gerais e das soluções que não sejam setoriais e especialísticas, o grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo. (1990, p. 127).

É este espírito expresso por Calvino que guia esta tese, encorajando-nos a abordar um tema tão atual e tão polêmico, cujos contornos recém começam a ser delineados. A literatura na era digital, a literatura digital (ou eletrônica), o livro digital (ou *e-book*) são mais do que temas comerciais ou editoriais, eles já se tornam relevantes do ponto de vista dos estudos literários seja pela imensidão de suas possibilidades, seja pelo *corpus* que começa a se solidificar.

Quando iniciamos esta pesquisa, em meados de 2008, o Kindle começava sua trajetória, mas ainda não tinha tanta repercussão na mídia, poucos acadêmicos estudavam o tema e nossos possíveis objetos de estudo concentravam-se todos na *web*, ainda assim de forma dispersa. Ao longo desses quatro anos, o tema cresceu

enormemente de importância pela popularização do Kindle, pela profusão de editoras de livros digitais e, finalmente, pelo lançamento do iPad, que foi visto por muitos como um objeto entre o livro (seu formato, tamanho, forma de segurar) e o computador.

Naturalmente que com o crescimento dos novos suportes de leitura muito se tem debatido sobre o futuro do livro, da leitura e da literatura, com profecias utópicas e distópicas. A utopia e a distopia, aliás, acompanham os estudos sobre a era digital e a cibercultura desde o seu princípio:

a época é, para a consciência humana, uma época de esperança e horror, ambígua e confusa. Enquanto num momento a tecnologia é igualada ao progresso e à promessa de um mundo de abundância, livre de labuta, noutra ela evoca a visão de um mundo enlouquecido, fora de controle, a visão de Frankstein. (EWEN apud RÜDIGER, 2003, p. 10).

O nosso objetivo, nesta tese, não é atacar, promover ou exaltar as novas tecnologias e suas possibilidades, e sim fazer uma leitura aprofundada em diferentes mídias, suportes e formatos para comparar, investigar e problematizar esses novos formatos para o livro, o chamado livro digital, apontando avanços e limitações, potencialidades e ameaças.

Machado & Pageaux, ao falarem do contato, matéria básica da literatura comparada, afirmam haver contato não apenas entre dois textos, mas também “entre duas ou mais formas literárias, gêneros, unidades temáticas, (...) entre duas culturas” (2001, p. 28-9). Deve-se admitir também, neste momento histórico, o contato entre duas mídias, a transposição ou tradução de um texto literário para outro suporte, no caso não mais o livro em papel, mas o livro digital.

Para não nos dispersarmos demais nesse mar de possibilidade em que navegamos, escolhemos como objeto de estudo uma edição da Atomic Antelope de *Alice no País das Maravilhas* para iPad, *Alice for iPad*. Esta edição, lançada apenas alguns meses depois do lançamento do *tablet*, repercutiu mundialmente por prometer uma interação nunca antes vista para os livros, permitindo ao leitor, por exemplo, sacudir o relógio do coelho enquanto sacode seu *tablet*.

À medida que fomos aprofundando a pesquisa em *Alice*, percebemos que a obra já havia sido a escolhida para o lançamento de um *e-reader* que é considerado o primeiro *e-reader* de segunda geração, o precursor do Kindle, Rocket eBook. Também chamou nossa atenção a importância de *Alice* para a história do cinema, já que há versões da obra desde 1903 até o surgimento do cinema 3D comercial, passando por

filmes em preto e branco, animações dos anos 30, a célebre versão da Disney e adaptações feitas em diversos países.

Ao relermos o texto de *Alice*, encontramos na própria obra elementos e valores próprios da cibercultura, da era digital, que talvez expliquem esse renovado interesse pelo universo ficcional de Carroll: os conflitos identitários da protagonista, o caráter lúdico do enredo e da narrativa, o mundo virtual criado pelo narrador.

Não espere o leitor, entretanto, uma exaustiva revisão bibliográfica da obra ou contribuições acadêmicas definitivas para o vasto debate sobre o romance de Carroll. *Alice*, aqui, é muito mais um ponto de partida para se pensar a transposição da literatura do papel para as mídias digitais, no caso especial, o *iPad*.

Vale ressaltar, ainda, que já no meio da produção desta tese foi lançado para iPad, pela mesma Atomic Antelope, o livro *Alice in New York*, uma releitura de *Através do Espelho e o que Alice Encontrou por lá*. O livro explora as ferramentas próprias do aparelho de forma ainda mais intensa, utilizando, por exemplo, áudio em algumas cenas. Não hesitamos em incluir a obra em nosso estudo, mas ainda assim vale dizer que esta tese é a fotografia de um momento, números e tecnologias evoluem a cada dia, livros para iPad, Kindle e Android são lançados a cada momento, cada vez com mais novidades, e o próprio formato EPUB, que apresentamos nesta tese como um formato de texto e imagem estáticos, já sofreu alterações que permitem a utilização de animações e *hiperlinks*, por exemplo¹.

Outro cuidado que tivemos neste estudo foi o de descrever o que já existe, não tentando prever o futuro. Na primeira parte, o capítulo 1, **A questão do fim do livro e da literatura**, fizemos uma breve retrospectiva do caloroso debate acerca do fim do livro e da literatura, iniciando por um histórico da leitura, no subcapítulo 1.1; passando pela contextualização do que é essa chamada era digital e do surgimento do *e-book*, no 1.2; demonstrando como o iPad é resultado de anos de pesquisas em relação ao chamado *tablet*, no 1.3; delimitando a diferença entre leitores de livro digital (*e-readers*) e livros digitais (*e-books*), no 1.4; e demonstrando alguns exemplos de literatura digital publicados na *web*, no subcapítulo 1.5.

A propósito, precisamos aproveitar esta introdução para algumas considerações. Começamos justificando o uso de dois nomes distintos ao longo deste estudo para representar a mesma coisa: *e-book* e livro digital. Ocorre que *e-book* é o termo que se

¹ Um exemplo é o livro *Yellow Submarine*, da Subafilms Ltd., que está disponível para o iBooks em EPUB, mas tem som e movimento dentro do livro.

consagrou no idioma inglês e é uma abreviatura de *eletronic book*, como temos o *e-mail* (*eletronic mail*). Tal abreviatura originou os nomes de *e-literature*, para designar a literatura produzida a partir das tecnologias digitais, e *e-pub*, que, como veremos a seguir, é o nome do arquivo dado aos livros digitais. No Brasil, porém, o termo *e-book* convive com o termo livro digital, tanto que as Livrarias Cultura e Saraiva usam designações diferentes para a respectiva seção no site: a Cultura optou por “e-book”², enquanto a Saraiva, por “livro digital”³.

Para nós, o termo “livro digital” parece muito mais apropriado que o termo “livro eletrônico”, pois eletrônico não é sinônimo de digital. A televisão, o rádio, o micro-ondas, o ventilador, o relógio de pulso, o aspirador de pó e o marca-passo são eletrônicos, mas nenhum deles produz ou distribui *bits*, essência dessa vida digital. Entretanto, nos referimos tanto a livros digitais quanto a *e-books* (inclusive no título da tese) com o objetivo de estar integrado às palavras-chave desse campo, dialogando não apenas com os acadêmicos de nosso idioma.

Outra consideração é em relação ao uso de numerosas notas de rodapé e imagens. Como uma tese necessariamente precisa ser apresentada em formato de texto, não sendo permitida, pelo menos ainda, sua apresentação em alguma mídia digital, como CD-ROM, em que poderíamos fazer *hiperlinks* e reproduzir vídeos, precisamos lançar mão da reprodução de diversas imagens e descrever as cenas de movimento de *Alice for iPad* e *Alice in New York*. Também utilizamos as notas de rodapé como o faríamos com os *hiperlinks*, inclusive para referenciar reportagens ou páginas da internet citadas uma única vez, motivo pelo qual não as citamos como o fizemos com os livros, artigos ou *sites* que constam nas **Referências**, ao final.

No que tange à literatura, e mais especificamente à literatura comparada, procuramos trazer a esta reflexão conceitos caros às respectivas áreas, como narratividade, literariedade, recepção, tradução, adaptação, ainda que não haja um capítulo específico para eles. Naturalmente encontramos diversas dificuldades. Capparelli chega a questionar se é possível utilizar conceitos da crítica literária tradicional para explicar a ficção hipertextual, ao que responde:

muita gente se faz essa pergunta. O hipertexto, possibilitado pelas novas tecnologias, tem levantado muitas questões e trazido poucas respostas a respeito de formas narrativas dele decorrentes. Como em todo período de

² Disponível em: <<http://www.livrariacultura.com.br/>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

³ Disponível em: <<http://www.livrariasaraiva.com.br/>>. Acesso em: 02 mar. 2012.

mudança, as pessoas titubeiam quando vão explicar o novo. Inexiste um vocabulário específico. Os conceitos são frouxos; os princípios explicativos tradicionais, inexatos, ao serem chamados para explicar a nova realidade. Daí o uso de imagens, metáforas, eufemismos. (2010, p. 222).

Na segunda parte, o capítulo 2, **Alice do livro impresso ao e-book**, é onde fizemos essas aproximações de conceitos da literatura comparada, da teoria literária e da cibercultura com nosso objeto de estudo. No subcapítulo 2.1, resumimos o enredo de *Alice no País das Maravilhas* sob a ótica de um estudo voltado à cibercultura e à contemporaneidade. Também voltamos nosso olhar para as ilustrações de Tenniel e para características das primeiras edições da obra. Metodologia semelhante foi a utilizada no capítulo 2.2, quando resumimos o enredo de *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*. O capítulo 2.3 foi uma transição entre as edições de livro impresso de Tenniel e as edições para iPad de Stephens; nele abordamos as diversas traduções e adaptações de Alice, em especial adaptações para livros, filmes e *games*. No capítulo 2.4 chegamos, finalmente, ao nosso objeto central, *Alice for iPad*, analisando e descrevendo a obra do ponto de vista do texto, do *design* e das animações. O capítulo 2.5 é semelhante ao anterior, sendo uma análise de *Alice in New York*, a continuação de *Alice for iPad*, publicada um ano depois.

Nosso desejo é que professores, estudantes, escritores ou leitores que avancem nas páginas a seguir compreendam o esforço de se tentar apreender um pouco de um tema com possibilidades tão vastas, mas ainda restrita delimitação. Talvez o que mais nos tenha motivado a seguir adiante seja a

necessidade de formar mediadores que saibam aproveitar esses novos fenômenos e ajudar, assim, a uma nova convergência: a convergência entre a cultura escolar e a cultura acadêmica clássica, ao que Chartier chama de “cultura letrada” (sem seus aspectos mais positivos, não os simplesmente doutrinários ou normativos), com esse mundo “selvático” da internet, de maneira que se possam converter telas em cenários de “novas práticas letradas”, com um novo espírito de participação, liberação do conhecimento, etc., próprio dessa nova era digital a que alguns chamam de “inteligência coletiva”. (GARCÍA, 2010, p. 32).

Nós, em grande maioria, somos imigrantes digitais, seres que aprenderam, de uma forma ou outra, a lidar com os equipamentos digitais. Mas quem nasceu a partir dos anos noventa, todos aqueles que estão nascendo e nascerão ao longo do século XXI já são nativos digitais que estarão tão familiarizados com o cheiro e a textura do iPad quanto nós hoje estamos apegados ao cheiro e à textura do papel. Negar à literatura essa

transposição para novas mídias é dificultar sua chegada ao terceiro milênio, subtrair sua força e subestimar sua função na sociedade.